

Capítulo I

Londres, 1825

Não cheguei tão longe para simplesmente me afogar.

Irrompendo na superfície, seu estômago embrulhou com o mau cheiro das águas do rio Tâmis. Sentiu o sangue pulsando forte dentro dos ouvidos enquanto se esforçava para ouvir se ainda a perseguiam. Tentou agarrar um pilar próximo, mas os dedos alcançaram apenas água oleosa.

Eu não posso ter me afastado tanto assim do cais!

Sem se arriscar a ficar acima do nível da água por muito tempo, encheu mais uma vez os pulmões com aquele ar pútrido e afundou. Seus dedos procuravam freneticamente um apoio, mas nada encontravam. Prendendo o ar nos pulmões, girou o corpo. O cabelo se enrolava no pescoço, e o vestido se enroscava nas pernas.

Não entre em pânico, pensou, afastando o cabelo do rosto. Isso tornaria mais difícil lutar, e mais rápida a morte. Era boa nadadora. Seu pai havia ensinado os filhos a se virarem no mar revoltado da costa galesa. Mas manter-se silenciosa e invisível nas águas turvas, ainda mais com o peso do vestido encharcado, era um grande desafio.

Obrigada a pegar mais ar, Ava subiu à superfície. Ouviu o som de risadas, atrás dela. Será que vinham do cais? Deu meia-volta dentro da água, procurando descobrir de onde vinham, mas as luzes pálidas do cais estavam envoltas numa neblina densa. Sentiu um súbito alívio, pois se não podia ver o cais, então também não poderiam vê-la. Mas ela não podia ficar muito tempo mais naquela água fétida e gelada. Sua pele estava dormente, e as pernas enfraquecidas mal eram capazes de mantê-la acima da superfície. As roupas encharcadas e as pernas doloridas tornavam o esforço cada vez mais difícil. Respirou fundo outra vez e mergulhou.

Nade, bata as pernas com mais força, Ava. Não entre em pânico. Lembre-se do que precisa ser feito. Você vai encontrá-los.

O corpo exausto movia-se através da densa escuridão. Prendendo o fôlego, uma eternidade se passou. Nada ainda. Nada exceto água, fria como o gelo. Precisava voltar à superfície. Será que já se afastara o suficiente? Será que se afastara na direção certa? Deus, quanto tempo mais seria capaz de ficar...

Uma mão agarrou seu tornozelo e puxou-a para trás. Um grito ficou

preso na garganta.

Não!

Eles a haviam seguido... Esse tempo todo...

Não!

Debateu-se com força, mas a seguraram com mais firmeza ainda. Tentando desesperadamente respirar e se libertar, ela desferiu um soco, virou-se para encarar o inimigo e bateu num pilar. Quase engoliu um bocado de água, girou o corpo e mais uma vez colidiu contra um pilar. Furiosa, agarrou-o com as duas mãos. Não era um pilar, e sim uma corda. A corda grossa de um navio atracado. E não era uma mão que agarrava seu tornozelo; era o vestido que havia se enroscado na corda. Ela tinha se afastado mais do cais, porém na direção errada. Estava na área de carga. Ou se afogaria enrolada numa amarra de embarcação, ou seria esmagada por algum navio partindo.

Eu não vou... não vou... morrer...

Ava reuniu suas forças e rasgou um pedaço do vestido. O tecido se agarrava à corda como uma sanguessuga faminta. Seus pulmões queimavam como um par de tochas, precisando de ar imediatamente.

Enquanto lutava para vencer sua batalha subaquática, rogava para que sua família a perdoasse.

— Sei que não se importa nem um pouco com a minha opinião, Atherton, mas essa mulher vem de origem notoriamente obscura. Ela vai arruinar seu bom nome.

— Tem toda a razão, senhor. — Deran apertou o copo. Sua expressão permanecia indiferente. — Sua opinião não me interessa nem um pouco.

A noite teria sido mais bem-aproveitada se tivesse ficado em casa, e pretendia expressar seu arrependimento ao anfitrião. Mas já havia feito isso duas vezes. Mais uma, e seria considerado insolente, ou até desleal.

A insolência o deixaria ainda mais distante das graças daquela gente pretensiosa.

Henley, por exemplo, estava ali falando sem parar sobre a sra. Rena Timmons, e a participação de Deran na conversa era desnecessária para Reginald. Era capaz de se alongar enfadonhamente sem ser respondido. Bastava haver um par de orelhas e de olhos diante dele para que Henley prosseguisse.

— As línguas falarão nas mesas do café da manhã. — Reginald deu um gole ruidoso em sua bebida. — E será o seu nome que pronunciarão. Dançar com ela já foi ruim, mas ir embora com ela? Não se importa com sua reputação, senhor?

— Aparentemente, não tanto quanto você. — Deran sorriu com ironia. — Acompanhei-a até sua carruagem. Qualquer cavalheiro o faria se lhe pedissem.

Sendo uma gentil companhia, a sra. Timmons em seguida estendera o pedido, convidando-o para um encontro em sua casa na madrugada. Em suma, uma noite extremamente agradável.

— Ela é uma viúva que se fez por esforço próprio. Não ouviu as fofocas?

— Não.

— Pois deveria ouvir. Ainda ontem, Priscilla confidenciou que a sra. Timmons foi vista no Regent Park sozinha e vestindo meio-luto.

Deran engoliu a ira que se avolumava na garganta.

— Sua irmã conhece uma multidão de personagens notáveis, Reginald. Ela acrescentou espiões à sua lista de réprobos?

Ouviu-se um murmúrio indignado na biblioteca.

— Senhor! Minha irmã, com sua natureza generosa e altruísta, ajuda os cidadãos pobres de Londres.

Generosa, de fato, pensou Deran. Nenhuma de suas boas ações passava despercebida. Priscilla Henley jamais deixaria que sua benevolência não fosse reconhecida.

Cansado daquela conversa, Deran pôs a taça de vinho sobre a mesa.

— Com licença, Henley. Tenho um compromisso amanhã cedo.

— Sem ressentimentos, certo, Atherton?

Deran fez uma pausa e deu um sorriso discreto, já muito ensaiado.

— De modo algum.

Deran não conseguia dormir, incapaz de parar de pensar na conversa com Henley e em outras fofocas. Que dissessem coisas sobre ele não o incomodava, mas sobre as poucas pessoas que ele considerava próximas, sim. Manchar a reputação delas só por causa de sua relação com ele era injusto e não merecido. E era bem típico da alta sociedade londrina.

Ele analisava alguns documentos. Nada lhe dava mais sono do que o tédio de rever a contabilidade dos negócios. O barulho de uma carruagem e de vozes interrompeu seus pensamentos.

Vozes zangadas.

Deran levantou-se e foi até a janela. Três pessoas, talvez quatro, andavam aos tropeções perto de um cavalo, duas casas após a sua.

Enquanto pensava na melhor forma de passar aquelas horas insones, alguém bateu de leve em sua porta. Ele atravessou o piso acarpetado e abriu-a.

— Bickford?

O homem inclinou a cabeça.

— Sinto muito por acordá-lo, milorde, mas há um problema que requer sua atenção.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Um problema? A esta hora?

— Receio que sim, senhor. Não pode esperar até de manhã. Ou melhor, até poderia, mas não seria saudável para nós.

— Que maldição, Bickford! Não fale em forma de enigmas. Diga logo.

— Claro, senhor. — Em todos aqueles anos trabalhando para seu patrão, Angus Bickford jamais se vira na situação de dizer tais palavras, e claramente achava aquilo desagradável. — É uma mulher, senhor.

— Uma mulher? Quem?

Não era a sra. Timmons. Ela era atrevida, mas não a ponto de aparecer em sua casa na calada da noite. Talvez fosse a sra. Wintry, ou Chivra Lund. Ela era espetacularmente audaciosa. Aliás, a audácia era um de seus atributos mais provocantes.

Bickford disse, se lamentando:

— Não é ninguém que eu conheça, senhor. Ela parece ter sido... tirada de dentro d'água, e está lá pingando na entrada da casa. Os três homens que a trouxeram não estão dispostos a ir embora sem falar com o senhor.

A irritação provocada pela inconveniência do criado rapidamente substituiu sua expectativa.

— Vou falar com eles. — Deran vestiu o robe e rapidamente saiu do quarto. — Devem estar equivocados. Provavelmente procuravam outra casa.

— Pediram para falar especificamente com o senhor.

Chegando à entrada, Deran respirou fundo e imediatamente se arrependeu. Um forte mau cheiro impregnava o vestibulo. A mulher encharcava o fino tapete oriental, com as mãos para trás. Um de cada lado, dois homens de aparência suspeita a escoltavam, cada um segurando um de seus braços, mas guardando considerável distância dela. Um terceiro homem, atrás, espiava por cima de sua cabeça.

Deran fitou aquele quarteto imundo.

— O que significa isto? — Apontou para o homem mais alto, que estava atrás. — Você. Quem é você, e quem é esta moça?

— Meu nome é Curt, chefe — respondeu, sorrindo. — Desculpe por acordar o senhor, mas pegamos a moça tentando roubá-lo.

Deran olhou para ela. De pequena estatura, aparentava ser ainda uma adolescente. As roupas pendendo dos ombros estreitos como cortinas encharcadas não revelavam formas femininas. De cabeça baixa, o queixo junto ao peito, os cabelos escorridos até a cintura como algas marinhas retorcidas, era impossível saber mais.

— Como assim, tentando me roubar?

Deran sentiu uma dor incômoda na parte de trás da cabeça. Fora má ideia beber uma segunda taça de Porto logo naquela noite. Olhou fixamente para o homem que havia falado.

— Explique-se ou mandarei chamar a polícia.

O homem mais próximo tirou o chapéu.

— Ela estava tentando entrar em um de seus navios, capitão. Por dentro do rio.

— Pelo rio? Estava nadando perto das docas?

O homem mais alto deu de ombros.

— Nadando, não. Parecia mais um bacalhau fígado se debatendo. Ficou presa na corda que ancorava o barco.

Deran não possuía barcos. Ele era dono de cargueiros e balsas. Ignorância e gramática deploráveis. Seu humor piorou ainda mais.

A mulher tremia visivelmente, mas mantinha a cabeça baixa. Moveu-se ligeiramente, sua primeira reação desde que fora detida. O homem puxou-a de volta e fez uma careta.

— Perdoe o fedor, chefe. A garota vomitou nela mesma quando a puxamos para fora da água. Isso, e o cheiro do rio.

O cheiro era *mesmo* horrível. O estômago de Deran começou a embrulhar. O rio era o esgoto público. Por que alguém, ainda mais uma garota, nadaria naquelas águas imundas era algo que estava além de sua compreensão, e que também não queria saber. No entanto, por razões que não imaginava quais fossem, estava relutante em liberá-la com aqueles homens antes de saber mais.

— Vocês a viram tentando embarcar em uma de minhas balsas?

— Estava presa na corda de amarração, batendo essas pernas magricelas.

O indecoroso trio soltou uma gargalhada.

Deran olhou para os pés dela. Faltava uma bota, e o pé pequeno estava coberto de sujeira. Correu os olhos sobre ela e notou o vestido esfarrapado. Parecia ser feito de musselina ordinária. Estava rasgado de um dos lados e pendia dobrado sobre a coxa, revelando uma *chemise* transparente por baixo. Um grande rasgo na altura dos joelhos expunha a pele branca.

Alguma coisa o tocou. Ela nada podia fazer a respeito do estado de suas vestimentas, e ele teve um repentino impulso de cobri-la, para protegê-la dos olhos daqueles homens.

Ideia ridícula. Ela era certamente uma fugitiva ou uma renegada, despedida de um emprego respeitável, e caíra no crime para se sustentar. Aquela moça era problema da polícia, não dele.

Com a decisão tomada, olhou para o homem grisalho. Um gemido baixinho rompeu o silêncio, e a garota levantou a cabeça.

O coração de Deran parou ao ver seu rosto, alvo como papel novo, manchado de lodo. Mechas de cabelo caíam sobre as faces. Olhava para ele com olhos suplicantes, verdes como a relva da primavera. Ele engoliu em seco, e repentinamente teve vontade de ouvir o que seus lábios diriam. Lábios estes que, apesar do assustador tom cinza-azulado, tinham um belo formato.

Os olhos de Deran, focados em sua boca que lentamente se abria, de repente brilharam de ódio. Aproximou-se dela, que instintivamente recuou.

— O que é isso?

Deran inclinou-se, examinando-a, zozno com o mau cheiro. Ela tinha uma faixa quase em carne viva ao redor do pescoço.

— Prenderam-na com uma corda pelo pescoço? Ela é apenas uma menina.

Os homens se entreolharam, nervosos, e negaram ter feito aquilo.

— A garota é pior do que parece, capitão. Ela lutou bastante. Só amarramos as mãos dela. Não queríamos que fugisse para podermos trazê-la aqui.

A decisão que Deran estava prestes a tomar fez seu coração bater descompassado. Era uma decisão que mudaria de maneira drástica a sua vida meticulosa... temporariamente.

Temporária era a perda da razão também, sem dúvida.

— Deixem-na aí. Verei quais serão as consequências de seu crime.

Eles não precisavam ser persuadidos e imediatamente a soltaram. Por alguns segundos ela ficou ali em pé, desamparada, a cabeça confusa, antes de desmoronar encharcada no chão.